

## RESUMO

Este artigo analisa uma experiência pedagógica desenvolvida durante o período de ensino remoto emergencial com estudantes do ensino médio da rede pública, com foco na produção de documentários como prática de letramento digital. A proposta se insere no campo da pedagogia crítica e do letramento como prática social, com base na compreensão de que a linguagem é instrumento de construção de sentido, autoria e pertencimento. A metodologia adotada é qualitativa, com inspiração etnográfica e caráter participante, na qual o professor atua como pesquisador da própria prática. A experiência foi estruturada em forma de sequência didática, desenvolvida em ambiente virtual, e teve como objetivo estimular a autoria, a reflexão crítica e a valorização das vozes estudantis. Os estudantes produziram documentários sobre temas socialmente relevantes, enfrentando desafios técnicos e emocionais, mas também criando espaços de expressão e escuta. Os resultados apontam que, mesmo em contextos de exclusão e instabilidade, é possível construir práticas de linguagem significativas, que promovam o protagonismo discente e o exercício da cidadania. A experiência demonstrou que o ambiente digital pode ser resignificado como território de encontros simbólicos e de resistência, desde que mediado por ações pedagógicas sensíveis, críticas e inclusivas. A discussão será fundamentada em autores como Freire, Brian Street, Kleiman, Clifford Geertz, Campoy, David Tripp, Vera Candau e John Grierson, cujas contribuições sustentam a análise do letramento como prática social, da escuta pedagógica e da produção audiovisual como expressão crítica e cidadã.

---

<sup>1</sup> Professor de Língua Portuguesa do Ensino Básico Técnico e Tecnológico (EBTT) da Bahia e Mestre em Ciências da Educação – Inovação Pedagógica – pela Universidade da Madeira – Funchal – Portugal.

Palavras-chave: letramento digital; autoria estudiantil; documentário; ensino remoto; pedagogia crítica.

## RESUMEN

Este artículo analiza una experiencia pedagógica desarrollada durante el período de enseñanza remota de emergencia con estudiantes de educación secundaria de la red pública, centrada en la producción de documentales como práctica de alfabetización digital. La propuesta se enmarca en el campo de la pedagogía crítica y de la alfabetización como práctica social, basada en la comprensión de que el lenguaje es un instrumento de construcción de sentido, autoría y pertenencia. La metodología adoptada es cualitativa, con inspiración etnográfica y carácter participativo, en la cual el docente actúa como investigador de su propia práctica. La experiencia se estructuró en forma de secuencia didáctica, desarrollada en un entorno virtual, y tuvo como objetivo estimular la autoría, la reflexión crítica y la valorización de las voces estudiantiles. Los estudiantes produjeron documentales sobre temas socialmente relevantes, enfrentando desafíos técnicos y emocionales, pero también creando espacios de expresión y escucha. Los resultados indican que, incluso en contextos de exclusión e inestabilidad, es posible construir prácticas de lenguaje significativas que promuevan el protagonismo estudiantil y el ejercicio de la ciudadanía. La experiencia demostró que el entorno digital puede resignificarse como un territorio de encuentros simbólicos y de resistencia, siempre que esté mediado por acciones pedagógicas sensibles, críticas e inclusivas.

Palabras clave: alfabetización digital; autoría estudiantil; documental; enseñanza remota; pedagogía crítica.

## INTRODUÇÃO

A pandemia da COVID-19 impôs profundas transformações no fazer pedagógico, forçando a migração abrupta do ensino presencial para plataformas digitais. Nesse novo cenário, docentes e discentes viram-se diante do desafio de desenvolver competências digitais e reinventar suas práticas educativas. A escola, enquanto espaço de mediação e construção de saberes, precisou responder às exigências de um tempo marcado pela instabilidade, pelo isolamento e pela reinvenção dos modos de ensinar e aprender.

Mais do que nunca, o conceito de letramento — em sua vertente social e ideológica — mostrou-se central. Segundo Street (2014), letramento não é apenas uma habilidade técnica, mas uma prática cultural e situada, atravessada por relações de poder. Essa perspectiva dialógica permite compreender que a leitura e a escrita não se dão em um vazio neutro, mas são práticas imersas em contextos históricos, sociais e culturais. No Brasil, tais práticas frequentemente refletem desigualdades de classe, raça e acesso à tecnologia, o que impacta diretamente os sujeitos historicamente marginalizados, como estudantes da rede pública de ensino.

Diante de um cenário marcado pela acentuada desigualdade digital e pela desestruturação das rotinas escolares provocadas pelo ensino remoto emergencial, este artigo propõe uma análise crítica de uma experiência pedagógica realizada com estudantes do ensino médio da rede pública. A proposta concentrou-se na implementação de uma sequência didática voltada à produção de documentários, com o intuito de mobilizar práticas de letramento digital e incentivar a autoria estudantil em ambientes virtuais. O foco da investigação recaiu sobre as práticas de linguagem e os eventos de letramento vivenciados ao longo da experiência, compreendidos como espaços de produção de sentidos, afirmação identitária e resistência às exclusões sociais e educacionais.

Em consonância com Ribeiro e Novais (2013, p. 1), parte-se da compreensão de que “letramento digital diz respeito às práticas sociais de leitura e produção de textos em ambientes digitais”. A questão que norteia esta investigação é: como a produção de documentários, enquanto prática pedagógica mediada por tecnologias, pode favorecer o letramento digital crítico e o protagonismo de estudantes da educação pública em contextos de vulnerabilidade?

A experiência aqui relatada está ancorada em pressupostos da pedagogia crítica e das teorias do letramento como prática social. Fundamenta-se, ainda, na compreensão de que o ambiente virtual não precisa ser um espaço frio e fragmentado, mas pode tornar-se lugar de encontros simbólicos, autoria e escuta. A proposta nasceu da observação de que muitos estudantes, mesmo diante da precariedade das condições técnicas, continuavam produzindo sentidos com suas vivências, seus corpos e suas falas — ainda que pela via da imagem e da narrativa digital.

Assim, o objetivo deste trabalho é analisar, sob uma perspectiva crítica e reflexiva, como a prática com o gênero documentário pode constituir-se como estratégia pedagógica de letramento digital e exercício de cidadania, promovendo a participação ativa e a valorização das vozes juvenis na escola, mesmo em tempos de distanciamento físico.

#### ASPECTOS METODOLÓGICOS DA EXPERIÊNCIA

Esta experiência adota os princípios da pesquisa qualitativa de inspiração etnográfica, articulada à perspectiva de pesquisa participante, na qual o docente investiga sua própria prática a partir da escuta, da mediação e da análise crítica de processos formativos (André, 2005; Lüdke & André, 2013). Embora não tenha seguido, inicialmente, um delineamento formal de pesquisa acadêmica, o percurso assumiu caráter investigativo ao transformar a vivência pedagógica em campo de reflexão e produção de sentido.

A proposta metodológica não se baseou em um modelo fechado ou protocolar, mas em uma construção situada, elaborada com base na escuta ativa dos sujeitos envolvidos, na observação das condições concretas de aprendizagem e na sensibilidade diante do contexto pandêmico. Como defende Tripp (2005), é a própria prática que fornece os elementos críticos para a investigação e a mudança pedagógica.

Nesse sentido, compreender e interpretar uma realidade educacional por meio da etnografia implica encarar a experiência como um tecido cultural vivo — fragmentado, descontínuo, atravessado por sentidos diversos, nem sempre evidentes à primeira vista. A leitura desse tecido exige atenção às nuances do comportamento humano, às contradições e às lacunas que compõem a prática pedagógica. Inspirados por Geertz (1978), entende-se que realizar uma etnografia é semelhante a decifrar um manuscrito incompleto, marcado por elipses e interpretações múltiplas, cujos signos são os próprios gestos e interações dos sujeitos. É a própria prática que fornece os elementos críticos para a investigação e a mudança pedagógica.

Mais do que aplicar um conjunto de técnicas, buscou-se criar caminhos possíveis de formação, em diálogo com os estudantes, a partir de seus repertórios culturais, dificuldades técnicas e potências expressivas. A escolha do gênero documentário como eixo da proposta surgiu não apenas por sua relevância pedagógica, mas sobretudo por sua capacidade de mobilizar múltiplas linguagens e conectar os estudantes às suas próprias histórias e territórios. Nesse sentido, o educador assume a posição de sujeito implicado na construção do conhecimento, o que se alinha à concepção de professor-pesquisador proposta por André (2005).

A sequência didática foi estruturada em encontros virtuais semanais, com discussões teóricas e práticas sobre linguagem audiovisual, estrutura narrativa, pesquisa temática e edição de vídeos. Os grupos de estudantes formularam perguntas, definiram enfoques e construíram seus próprios roteiros, sempre com orientação docente. Como afirma

Campoy (2008), conduzir uma prática investigativa significativa requer conhecer a fundo a área em que se atua, pois é esse conhecimento que permite formular perguntas relevantes e alinhadas às realidades que se busca transformar.

## A EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA EM TEMPOS DE DISTANCIAMENTO

A proposta de produção de documentários surgiu como resposta à urgência de ressignificar o processo educativo diante das rupturas causadas pela pandemia da COVID-19. Desenvolvida com estudantes do ensino médio da rede pública, essa prática procurou transformar o distanciamento físico em uma oportunidade de aproximação simbólica, de escuta mútua e de construção coletiva de sentidos. Longe de replicar modelos expositivos em plataformas virtuais, a proposta didática ancorou-se em princípios de autoria e valorização das experiências juvenis, partindo do pressuposto de que a linguagem é também afeto, memória e resistência.

Mesmo diante de barreiras significativas — como o acesso desigual a dispositivos, as limitações técnicas e os impactos emocionais do isolamento — os estudantes demonstraram inventividade e compromisso ao produzir documentários que abordavam temas urgentes e socialmente relevantes. Questões como desigualdade racial, relações familiares, pertencimento territorial e juventudes em tempos de crise foram tratados com sensibilidade e profundidade.

Em cada vídeo, revelava-se uma expressão autêntica de mundo, marcada por olhares críticos, vozes até então silenciadas e afetos partilhados.

O papel do professor, nesse percurso, foi menos o de transmissor de saberes e mais o de mediador atento: alguém que escuta, provoca, orienta e sustenta o processo criativo dos estudantes. As ferramentas digitais — como grupos de mensagens, plataformas de videoconferência e aplicativos de edição — foram utilizadas de forma flexível, respeitando os tempos e contextos de cada sujeito. Cada etapa do processo, da escolha temática à

exibição final, constituiu-se como evento de letramento: um momento de produção de sentidos socialmente situados, nos quais a linguagem funcionou como prática de participação e transformação.

Apesar da distância física, os encontros virtuais tornaram-se espaços vivos de vínculo, expressão e pertencimento. A lógica da passividade cedeu lugar à potência da escuta e ao reconhecimento mútuo. Essa postura dialoga com a pedagogia freireana, que compreende o ensinar como ato de escutar, respeitar e valorizar os saberes dos educandos, reconhecendo-os como sujeitos históricos em permanente construção (Freire, 1996). Também se alinha à perspectiva de Candau (2012), ao destacar que a escola deve reconhecer as juventudes em sua diversidade e promover práticas educativas que fortaleçam o protagonismo discente.

Os documentários foram apresentados em um seminário virtual, no qual os próprios estudantes compartilharam suas trajetórias criativas e receberam devolutivas da comunidade escolar. Em consonância com a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que regula a ética em pesquisas com seres humanos no Brasil, os nomes dos(as) estudantes e da escola, bem como qualquer outra informação identificável, foram preservados. Tal medida buscou assegurar o anonimato, o cuidado e a integridade de todos os envolvidos.

Essa proposta está em consonância com a Competência Geral 5 da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que orienta o uso crítico, ético e autoral das tecnologias digitais como prática de comunicação, resolução de problemas e expressão social (Brasil, 2017). Muitos estudantes relataram que esse momento representou um marco em sua vivência escolar durante a pandemia, por terem se sentido escutados, reconhecidos e pertencentes a uma comunidade escolar que legitima suas experiências, valoriza sua palavra e reconhece sua autoria como forma de participação cidadã.

A experiência de produção de documentários em tempos de ensino remoto revelou que, mesmo em contextos adversos, é possível reinventar práticas pedagógicas e criar espaços potentes de letramento e escuta. Ao adotar uma abordagem dialógica, crítica e centrada na autoria estudantil, o projeto conseguiu transformar um cenário de exclusão em oportunidade de formação cidadã. O documentário, enquanto prática multimodal de linguagem, demonstrou seu potencial como ferramenta pedagógica de resistência, expressão e aprendizagem significativa.

Além disso, a proposta evidenciou a importância de práticas educativas que considerem os sujeitos em sua totalidade — com suas dores, suas potências e seus repertórios. A construção coletiva dos documentários permitiu aos estudantes exercerem sua cidadania de forma ativa, criativa e crítica, resignificando o papel da escola como espaço de fala e de escuta.

Como sugestão para estudos futuros, propõe-se a realização de análises documentais mais aprofundadas sobre as produções realizadas, a fim de compreender os efeitos duradouros dessa experiência nos processos de letramento e constituição identitária dos estudantes. Investigar os desdobramentos dessas práticas pode contribuir para o fortalecimento de políticas públicas voltadas ao uso crítico de tecnologias na educação básica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de produção de documentários no contexto do ensino remoto emergencial demonstrou que, mesmo diante de adversidades estruturais, é possível construir práticas pedagógicas significativas, baseadas na escuta, na autoria e no reconhecimento das vozes estudantis. A proposta aqui analisada revelou-se capaz de transformar um cenário

marcado pela exclusão digital e emocional em território de criação, pertencimento e resistência.

Ao adotar uma abordagem crítica, dialógica e sensível, a experiência rompeu com a lógica transmissiva e instaurou práticas de linguagem comprometidas com a participação, o protagonismo e a construção coletiva de sentidos. O documentário, enquanto gênero multimodal, evidenciou sua potência como ferramenta pedagógica capaz de articular vivências, repertórios e discursos que costumam ser silenciados no espaço escolar.

Considerar os estudantes em sua totalidade — como sujeitos históricos, portadores de memórias, dores e potências — foi fundamental para a ressignificação do fazer educativo. A escola, assim, reafirma-se não apenas como espaço de instrução, mas como território simbólico de escuta, fala e construção democrática do conhecimento. Como lembra Freire (1996), educar é um gesto de acolhimento, de confiança e de afirmação da dignidade do outro.

Para aprofundar os efeitos dessa prática, recomenda-se a realização de estudos documentais e análises críticas das produções audiovisuais elaboradas pelos estudantes. Tais investigações poderão revelar impactos mais duradouros nos processos de letramento, identidade e cidadania. Além disso, poderão contribuir para o fortalecimento de políticas públicas que reconheçam a centralidade das tecnologias digitais como instrumentos de expressão e transformação cultural no campo da educação.

## REFERÊNCIAS

- André, M. E. D. A. (2005). O papel do professor-pesquisador. EPU.
- Brasil. (2017). Base Nacional Comum Curricular. Ministério da Educação.  
<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>
- Candau, V. M. F. (2012). Educação e diversidade cultural: desafios e perspectivas.

Educação e Sociedade, 33(119), 293–304. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302012000200002>

Campoy, R. (2008). A pesquisa na escola. In A. Lüdke & M. André (Orgs.), Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas (pp. 75–89). EPU.

Conselho Nacional de Saúde. (2016). Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Brasília: Ministério da Saúde. <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>

Freire, P. (1996). Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. Paz e Terra.

Geertz, C. (1978). A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC.

Grierson, J. (1966). Grierson on documentary (F. Hardy, Ed.). University of California Press. (Trabalho original publicado em 1932)

Kalman, J. (2002). Prácticas letradas, cultura escrita y poder. Siglo XXI.

Kleiman, A. B. (2005). Os significados do letramento: Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Mercado de Letras.

Lüdke, M., & André, M. (2013). Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas. EPU.

Ribeiro, V. M., Santos, E. A., & Paiva, R. D. (2019). Juventude e letramento digital: Práticas de resistência e autoria. Revista Educação e Linguagens, 8(15), 166–182. <https://doi.org/10.14393/REL.v8n15.2019.52151>

Street, B. V. (2014). Letramentos sociais: Abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Parábola Editorial.

Tripp, D. (2005). Pesquisando a prática profissional: Como criar uma investigação reflexiva na ação docente. Penso.